





**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

iStock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Vagno Batista Ribeiro  
Vanessa Alves Pereira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

T314 Teologia, política e religião / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Vagno Batista Ribeiro, Vanessa Alves Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-300-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.009211607>

1. Teologia. 2. Religião. 3. Política. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Ribeiro, Vagno Batista (Organizador). III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, intercruzar diálogos nas áreas da teologia, política e religião nunca foi tão necessário como nos dias atuais. Essa junção tem influenciado os fatores sociais, políticos e econômicos corroborando para o surgimento de novas reflexões que reverberam nas ciências humanas e sociais aplicadas. A obra 'Teologia, Política e Religião' traz essa relação dialógica materializada em textos produzidos por pesquisadores de vários contextos e instituições do Brasil. O primeiro texto direciona para a exposição da importância da educação e da cultura grega e como tais aspectos propiciam uma influência na formação e expansão do cristianismo; o segundo - visa contribuir para a ética e a metafísica, como também esclarecer alguns aspectos da temática trabalhada para resolução de eventuais dúvidas -; o terceiro - apresenta um estudo de caso das práticas realizadas na Formação Continuada na rede municipal de Vila Velha/ES, referente ao período de 2015 a 2020 no que diz respeito a diversidade religiosa -, o quarto - aborda a maneira de buscar a fidelidade à mensagem de Deus vinculada à necessidade de uma hermenêutica, já presente na própria Bíblia; o quinto - analisa e confronta os textos de 1Cor 11.2-16 e 14.33b-36 e busca os motivos da instrução de Paulo em 1Cor 14.33b-36 -, o sexto - apresenta uma análise objetiva do problema do mal físico como sofrimento no livro de Jó, o sétimo, apresenta a mística do ícone, 'A Trindade do monge russo iconógrafo do século XIV, Andrei Rublev' -; o oitavo - demonstra as prisões e suas diversas formas de provações, tratando de Paulo de Tarso e as diversas prisões as quais podem ser comparadas aos dias atuais -, e, o nono - objetivou recuperar as vozes reprimidas, isto é, a posição da mulher siro-fenícia como uma pessoa criativa e não apenas como vítima, em vista de um pensar teológico fronteiriço, levantando questões sobre o discurso de poder que são controversos e ambíguos-. Acreditamos que essa junção teórica muito tem a contribuir para os estudos e reflexões que perpassam pelas temáticas centrais da Teologia, Política e Religião. Com isso, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação  
Vagno Batista Ribeiro  
Vanessa Alves Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INFLUÊNCIA DA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO GREGA NA CONSTITUIÇÃO DOS CRISTIANISMOS PRIMITIVOS	
Alex Galhardo Dias	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116071">https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116071</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
DINÂMICA DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E RE-CRIAÇÃO DA REALIDADE	
Cassiano José Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116072">https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116072</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>33</b>
ENSINO RELIGIOSO E DIVERSIDADE RELIGIOSA: PERSPECTIVAS NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA/ES	
Patrícia da Silva Gouvêa Tostes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116073">https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116073</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
FIDELIDADE E HERMENÊUTICA DE UMA PALAVRA ENCARNADA	
Jackson Câmara Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116074">https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116074</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
O COMPORTAMENTO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA COMUNIDADE EM CORINTO (1COR 11 E 14)	
Marcela de Jesus Dias	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116075">https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116075</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
O PROBLEMA DO MAL COMO SOFRIMENTO HUMANO NO LIVRO DE JÓ	
Samuel Candido Henrique	
Júlio César Pinheiro do Nascimento	
Leandro Aparecido do Prado	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116076">https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116076</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
O SENTIDO DO ÍCONE NA ORTODOXIA RUSSA E A TRINDADE DE ANDREI RUBLEV	
Wilma Steagall de Tommaso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116077">https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116077</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
PAULO DE TARSO E SUAS PALAVRAS DE SALVAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS PRISÕES E DA DIGNIDADE HUMANA EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Clodoaldo Moreira dos Santos Junior	

Ana Cristyna Macedo L.S. Bosco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116078>

**CAPÍTULO 9..... 98**

TEOLOGIA NO CRUZAMENTO DOS ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS

Raphael Colvara Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0092116079>

**SOBRE OS ORGANIZADORES ..... 106**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 108**

## O SENTIDO DO ÍCONE NA ORTODOXIA RUSSA E A TRINDADE DE ANDREI RUBLEV

Data de aceite: 01/07/2021

### Wilma Steagall de Tommaso

Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Arte Sacra do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo/PUC-SP – LABÔ  
<http://lattes.cnpq.br/82099001398097630>



Figura 1 Andrei Rublev. Ícone da Trindade. Galeria Tretiakov, Moscou. Século XV.

**RESUMO:** Este texto tem o objetivo de apresentar a mística do ícone, *A Trindade* do monge russo

iconógrafo do século XIV, Andrei Rublev. Para compreensão dessa obra será preciso voltar à passagem do livro do Gênesis, (18 1-15), a *Hospitalidade de Abraão*; pela história do ícone no cristianismo; pela conversão da Rússia e pela vida e obra do eremita russo Sergio Radonej (1314-1392) que viveu na época em que a Rússia sofreu violentas devastações dos tártaros. O que importa do ponto de vista estético não são os meios usados pelo iconógrafo para atingir esse desvelamento do *nouménal*, mas o fato de que o monge artista nos tenha transmitido a revelação que lhe foi feita pela contemplação do mistério da Trindade por Sergio Radonej.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ícone – Ortodoxia – Arte Sacra – Trindade – Andrei Rublev.

**ABSTRACT:** This text aims to present the mystical of the icon, *The Trinity* of the 14<sup>th</sup> century iconographer Russian monk, Andrei Rublev. To understand this work, it will be necessary to go back to the passage in the book of Genesis (18 1-15), the *Hospitality of Abraham*; for the history of the icon in Christianity; for the conversion of Russia and for the life and work of the Russian hermit Serge De Radonege (1314-1392) who lived at the time when Russia suffered violent devastations from the Tatars. What matters from an aesthetic point of view is not means used by the iconographer to achieve this unveiling of *nouménal*, but the fact that the artist monk transmitted to us the revelation made by Serge De Radonege's contemplation of the mystery of the Trinity.

**KEYWORDS:** Icon – Orthodoxy - Sacred Art – Trinity - Andrei Rublev.

## 11 A IGREJA DO ORIENTE

Em razão do Cisma que ocorreu entre a Igreja no Oriente e Ocidente em 1054, teve origem a Igreja Ortodoxa Grega. Foi esse o primeiro grande Cisma do cristianismo e rompeu com a unidade da Igreja. Essa crise que teve o seu auge no século XI, havia se iniciado séculos antes, quando o imperador romano Constantino decidiu transferir a capital do Império Romano para a cidade grega de Bizâncio, depois chamada Constantinopla.

Antes mesmo, porém, do rompimento da Igreja do Oriente com a Igreja de Roma, houve a séria questão da finalidade apropriada da arte em igrejas. Isto levou as regiões orientais de fala grega do Império Romano a recusarem a liderança do papa latino.

Houve também a crise iconoclasta no século VIII. Havia os crentes contrários a toda e qualquer imagem de natureza religiosa: os chamados iconoclastas, e havia o grupo que pensava de forma contrária, os iconófilos, para quem as imagens não eram apenas úteis do ponto de vista didático, mas eram também sagradas.

Se Deus em sua misericórdia pôde revelar-se aos olhos dos mortais na natureza humana de Cristo, por que não estaria também disposto a manifestar-se em imagens? Não adoramos essas imagens por si mesmas, como fazem os pagãos. Adoramos Deus e os santos através das imagens ou além delas (Ernest H. GOMBRICH, 1999, p.137-138).

A partir da vitória dos iconófilos, depois de um século de repressão, as pinturas das igrejas não poderiam mais ser encaradas como meras ilustrações, eram consideradas reflexos misteriosos do mundo sobrenatural. A Igreja Oriental não mais permitiu que artistas seguissem sua inspiração ou fantasia na criação das obras, somente as figuras consagradas por uma tradição de séculos seria aceita.

As raízes do conflito da questão iconoclasta eram profundas: no plano teológico envolviam a questão básica da relação entre o humano e o divino na pessoa de Cristo, enquanto social e politicamente refletiam a luta pelo poder entre Estado e Igreja (JANSON e JANSON, 1996, p.99).

Embora essa crise tenha reduzido em muito a produção de imagens, pois se prolongou durante mais de um século de 726 a 843 d.C., não conseguiu eliminá-las, mas contribuiu para que houvesse uma fusão harmoniosa entre o ideal espiritualizado e a beleza humana.

Na arte oriental, as representações dos santos e santas não são simples objetos de culto. São instrumentos que demonstram na tradição cristã o poder estimulante e um verdadeiro ponto de apoio para os crentes. As representações dos santos e santas são a consequência da encarnação divina, e por isso a essência do cristianismo: os santos tiveram acesso à hierarquia divina e adquiriram o direito de serem representados em imagens, pois possuem o dom de converter o profano em sagrado. Por intermédio da imagem, além de se render homenagem ao santo, sua figura se torna um *eikon*: ou seja, é uma representação munida de função intercessora, por isso, não pode ser objeto de livre interpretação dos

artistas, pois eles devem ser o próprio testemunho da realidade não ilusória da encarnação divina<sup>1</sup>.

Os ícones traduzem uma deificação sem suprimir o caráter humano. A imagem sagrada deve mostrar a vida e a atividade do santo na terra, mostrando que ele soube justamente fazer uma ação em direção ao espiritual qualquer que tenha sido. Os santos e santas, representados individualmente ou não pelos artistas, são componentes de uma estrutura iconográfica complexa que deve ter a mesma significação litúrgica, dogmática e educativa como a Escritura.

## 2 | A ARTE NA IGREJA DO ORIENTE

A Igreja Ortodoxa<sup>2</sup> conservou intacta uma riqueza imensa no domínio da liturgia e da patrística, mas também no que se refere à arte sacra. Um ícone, mais que uma imagem, uma decoração, ou mesmo uma ilustração dos textos bíblicos, é algo maior para os ortodoxos: equivale à mensagem evangélica, um objeto cultural que faz parte integrante da liturgia (OUSPENSKY, 1960, p. 9).

As imagens, os ícones (*eikon* em grego significa imagem), apareceram muito cedo no mundo cristão na arte das catacumbas — arte funerária plena da alegria para os cristãos, cuja grande novidade era a Ressurreição. Por ter se originado e se propagado no Império Romano do Oriente — Bizâncio, mais tarde Constantinopla e hoje Istambul — tem uma característica diáfana, isto é, uma arte do Mistério a serviço da liturgia (PASTRO, 1993, 151).

Desde a origem, os ícones na história da Igreja, não eram considerados obras artísticas. Já os primeiros iconógrafos, monges que escreviam os ícones, cuidavam de retratar com cores e pinturas o que estava escrito nas Escrituras. Não é uma arte pedagógica, mas mistagógica, que apresenta ao fiel o mundo transcendente. A arte bizantina é uma mescla de cultura, arte, história e fé.

O ícone transmite o conteúdo da Sagrada Escritura não sob a forma de ensino teórico, mas de maneira litúrgica, de modo vivo, dirigindo-se a todas as faculdades do homem. Transmite a verdade contida na Escritura à luz da experiência espiritual da Igreja, da sua tradição. O ícone corresponde à Escritura, da mesma maneira que lhe correspondem os textos litúrgicos. Com efeito, esses textos não se limitam a reproduzir a Escritura tal qual; são como que tecidos dela: o ícone, representando momentos da história sagrada, transmite de forma visível o sentido e o significado vital; eis porque a unidade da imagem litúrgica e da palavra litúrgica têm importância capital, porque os dois modos de expressão constituem uma espécie de controle de um sobre o outro; vivem a mesma vida e têm no culto uma ação construtiva comum (OUSPENSKY, 1960, p. 164-165).

1 André PALEOLOGUE. Marie Madeleine dans la tradition byzantine. In: Eve DUPERRAY (Ed.) *Marie Madeleine dans la mystique, les arts et les lettres*. p.163.

2 A Igreja oriental ficou conhecida como Ortodoxa (aquela que oferece ao Senhor o verdadeiro louvor) depois do Cisma com a Igreja do ocidente (a Católica Romana) no ano de 1054.

O ícone é uma escola do olhar que por meio de cores, símbolos e de perspectiva inversa<sup>3</sup>, abre-se à transcendência, introduz o fiel que o contempla ao invisível, ao essencial denominado hipóstase, (o que está sob a substância), à Presença divina.

Já a imagem piedosa, a pintura religiosa e profana, colocam o olhar e impõem uma visão das coisas ligadas à dimensão histórica ou contextual, visão desenvolvida por uma estética naturalista: luz e sombra; proporções corporais anatômicas; expressões faciais; perspectiva linear ou perspectiva perceptivo-subjetiva, onde o artista coloca a sua dimensão psíquica e cultural, ou seja, seu gosto, modos, emoções, afetividade, preferências. Nesse aspecto, uma obra de arte é para se olhar, ela encanta a alma, é emocionante e admirável, e não tem função litúrgica. Ora, a arte sacra do ícone transcende o plano emotivo que é agitado pela sensibilidade. Uma certa aridez hierática desejada e o despojamento ascético da obra se opõem a tudo que é suave e envolvente, a todo enfeite e gozo propriamente artísticos. Pode-se concluir que o ícone não é uma arte decorativa, a finalidade não é decorar a sala de uma casa, nem simplesmente embelezar um templo.

### 3 | O ÍCONE E SUA VENERAÇÃO NA IGREJA DO ORIENTE<sup>4</sup>

As Igrejas ortodoxas são cobertas de ícones colocados nos murais, e na iconostase (divisória que separa o santuário da nave) e também nas paredes e teto. Essas imagens são feitas em pranchas de madeira, geralmente estátuas e as esculturas são raras ou inexistentes em templos ortodoxos.

Do ponto de vista canônico, o culto dos ícones está baseado na definição do VII Concílio Ecumênico — também conhecido como II Concílio de Niceia no ano 787—que tem para a Igreja a força da lei. Está também fundamentado na psicologia religiosa; esse fundamento é tão profundo que torna o ícone indispensável à piedade ortodoxa.

Quando a Ortodoxia floresceu em Bizâncio e na Rússia, as igrejas ficaram repletas de ícones, que também eram colocados nas ruas, nas casas e em lugares públicos. Um local sem ícone para o ortodoxo era um lugar vazio. O ícone dá ao ortodoxo o sentimento real da presença de Deus.

A existência dos ícones supõe que Deus pode ser representado como homem, pois desde sua criação o homem é *imagem de Deus* (Gen.1-26) obscurecida pelo pecado original. Deus não pode ser representado como Ser eterno, mas ao se revelar ao homem, há uma figura que pode ser descrita, caso contrário, a revelação divina não poderia existir. Os acontecimentos da vida terrestre de Jesus podem ser representados por ícones da mesma forma que são descritos em palavras nos Evangelhos.

O objeto dos ícones é a representação do Cristo, e, por conseguinte, da Santíssima

3 A perspectiva normal, tal qual como a conhecemos hoje, onde o ponto de fuga converge no horizonte, foi descoberta pelo arquiteto florentino Brunelleschi na época do Renascimento. A perspectiva inversa, modo particular de representação resulta de desenhar o objeto em um espaço fazendo convergir as linhas de fuga na direção do observador. R. Leautic. *Écrire une icône: initiation aux techniques*, p. 29-30.

4 BOULGAKOFF, 1958. p. 194-202.

Trindade (em particular sob a forma dos três anjos da visão de Abraão próximo ao carvalho de Mambré), da Santa Virgem, dos anjos e dos santos. O tema do ícone não se reduz a representações, mas pode conter narrações da vida pública de Jesus (ícones das festas) e expressar ideias dogmáticas complicadas (como o ícone de Sofia, a sabedoria divina, ícones cósmicos da Virgem etc.). Qual é a origem desses ícones? Ela é determinada em parte por dados diretos da Palavra de Deus, em parte por considerações teológicas (esses ícones são nesse sentido a escolástica pintada); ainda, os ícones podem ser visões espirituais (no Ocidente, as obras de Fra Angélico têm, sobretudo, essa característica de visões).

Essas visões recebidas pela Igreja através de um ícone se tornaram uma nova revelação e fonte de ideias teológicas (é o caso do ícone da Sabedoria divina), de onde nasce uma teologia iconográfica. Em geral, o ícone é um aspecto da tradição eclesiástica em imagens e cores, paralela à tradição oral escrita e monumental (arquitetura).

A confecção de ícones por artesões pela necessidade das missas, é, quanto às fontes, uma obra de criação religiosa; a Igreja glorificou alguns pintores de ícones. Pode-se citar os dois mestres do ícone russo, dois amigos e monges, Andrei Rublev e Daniil. É raro que nomes de pintores de ícones sejam conhecidos; habitualmente os ícones permanecem anônimos, o mesmo ocorreu com as catedrais românicas e góticas do ocidente. Nas verdadeiras visões, a contemplação teológica expressa em imagens são exceções no que se refere aos ícones; no entanto essas exceções se tornaram modelos para confecção de cópias. É assim que se forma um original iconográfico, o protótipo.

O ícone é uma contemplação religiosa revestida de imagens, de cores e de formas. É uma revelação sob o aspecto artístico; não são ideias abstratas, mas formas concretas. As visões do mundo espiritual são revestidas de forma artística onde a linguagem das cores (ouro, prata, azul, verde, púrpura etc.) e das linhas possuem valor excepcional. Em princípio tudo é simbólico no ícone, tudo tem um sentido, não somente o sujeito, mas as formas e as cores também.

Conhecer e conservar o sentido simbólico do ícone: essa é a tradição da pintura iconográfica, que data de tempos distantes talvez da antiguidade pré-cristã, grega ou egípcia, herdada pela Bizâncio cristã. Formou-se assim um “cânon” iconográfico; conservado em toda sua pureza nos ícones mais antigos. Há um mérito especial dos “velhos crentes” russos que conservaram com amor esses ícones antigos, sem se esquecer da ciência moderna que revelou os ícones ao mundo como obras-primas comparadas às grandes produções. Esse cânon tem um valor diretivo geral; ele deixa lugar para a inspiração pessoal e ao espírito criativo. Não existe um cânon absoluto ou a pintura dos ícones estaria condenada à imobilidade e à morte enquanto arte. Tudo tem fundamento na tradição e em seu desenvolvimento o ícone tem sua vida própria e seu lugar na arte moderna. Essa arte aceita livremente o cânon como visão antiga e verdade interior. A pintura de ícones é uma prancha de arte simbólica; não é somente arte, mas alguma coisa a mais, uma visão de

Deus, um conhecimento de Deus, um testemunho através da arte.

Para atender a essa arte do ícone é preciso a união de um artista e de um teólogo contemplativo em uma mesma pessoa. A verdadeira pintura de ícones é a arte mais rara e mais difícil; ela exige a combinação de dois dons, raros também. Mas os resultados e a revelações das pinturas dos ícones ultrapassam em força a teologia especulativa e a arte profana. Ela é um testemunho além dos seus aspectos: não demonstra, mostra. Não coage a aceitar suas provas: ela convence e vence pela própria evidência.

A pintura de ícones não admite sensualidade nas imagens, que são formais, abstratas, esquemáticas, não são mais que cores e formas. Tal pintura visa representar uma efígie, não uma face.

Um ícone não conhece as três dimensões, não tem profundidade, mas se contenta, como a pintura egípcia, com a representação plana e de perspectiva inversa, o que exclui a sensualidade e leva à predominância de formas, cores e simbolismo. A pintura das imagens, como toda arte elevada e pura, pode parecer seca aos que não professam a fé.

A pátria antiga do ícone é o antigo Egito (em particular os retratos funerários da época helenística). Bizâncio, herdeiro da Grécia antiga, é a pátria da pintura cristã dos ícones, foi lá que essa pintura conheceu vários períodos de florescimento. De Bizâncio, a arte dos ícones foi levada aos países Balcãs e à Rússia, onde alcançou o mais alto grau de desenvolvimento no século XV, em Moscou e em Novgorod. Os maiores pintores de ícones russos foram Andrei Rublev (1360-1430) e o Mestre Denys (1440-1502/08).

A influência do Ocidente se fez presente, indubitavelmente na pintura dos ícones na época em que ocorre sua decadência, a partir do século XVI; Simon Ouchakoff (1626-1686) é um de seus representantes, porém não despojado de talento. Nos séculos XVIII e XIX, a influência do gosto ocidental sobre a arte russa abaixa o nível dessa arte; traços de naturalismo diletante aparecem; o estilo propriamente russo se apaga; a arte do ícone torna-se um negócio.

Foi no início do século XX que se começou novamente a compreender a natureza da pintura dos ícones como arte e ao mesmo tempo renasceu a consciência dos verdadeiros fins elevados dessa arte, o que promete um novo florescimento. O ícone não representa o Real, ele tem em si o seu significado e o simboliza é por isso que conserva também o caráter inacessível e invisível, é o que se chama de Teologia da Presença. Quando um ícone apresenta um santo, ele é a testemunha de sua presença e exprime seu mistério de intercessão e de comunhão com o fiel e com a Igreja.

#### **4 | A MÍSTICA DOS ÍCONES<sup>5</sup>**

O ícone é algo maior que uma simples imagem sacra. Segundo a tradição ortodoxa, o ícone é um lugar onde Cristo está presente em Graça. Pode-se dizer que é um lugar

<sup>5</sup> BOULGAKOFF, 1958, p.194-202.

de *aparição* do Cristo (da Virgem, dos santos, de todos aqueles que o ícone representa). Essa aparição do Cristo, em sua imagem destinada a acolher as orações dos fiéis, não faz com que a madeira e as cores, materiais necessários para essa representação, pertençam ao Corpo de Cristo. Nesse sentido o ícone é o oposto da Eucaristia onde não há imagem do Cristo, mas o Cristo está misteriosamente presente na matéria do seu corpo e do seu sangue, oferecidos ao fiel que comunga.

O ortodoxo ora diante do ícone de Cristo como se estivesse diante d'Ele, mas o ícone, o lugar dessa presença, não se torna um ídolo ou um fetiche. A necessidade de se ter diante de si um ícone decorre do caráter concreto do sentimento religioso que muitas vezes não se satisfaz apenas da contemplação espiritual e que busca se aproximar do Divino. Isso se explica pelo homem ter um corpo e uma alma. A veneração dos santos ícones se baseia não apenas na natureza dos sujeitos representados, mas também sobre a fé nessa presença plenificada pela Graça, que a Igreja chama para a força da *santificação* do ícone.

O ritual de beatificação do ícone estabelece uma ligação entre a imagem e seu protótipo, entre o que está representado e a própria representação. Graças à beatificação do ícone do Cristo, acontece um encontro misterioso do fiel com o Cristo. O mesmo se dá com os ícones da Virgem e dos santos: seus ícones prolongam aqui suas vidas (a veneração das santas relíquias tem um sentido análogo). Pela força dessa presença cheia de Graça, o ícone traz segurança ao fiel, e, nesse sentido todo ícone santificado é em princípio milagroso. Mas venera-se como milagrosos, no próprio sentido, os ícones que se manifestaram de uma maneira ou de outra por milagres e que demonstraram sua força de forma palpável.

## 5 | A RÚSSIA ORTODOXA CATÓLICA

Quando a Ortodoxia floresceu em Bizâncio depois do III século e na Rússia, após o Século X, as igrejas ficaram repletas de ícones, também eram colocados nas ruas, nas casas e em lugares públicos.

A história que relata como a Rússia se tornou católica Ortodoxa ficou conhecida como “escolha a fé”. O príncipe Vladimir I de Kiev, em 986 d.C. enviou emissários para terem contato com muçulmanos, cristãos, judeus e gregos para verem de perto o que na verdade era a realidade sensível de cada religião. Segundo o relatório dos emissários, a decisão foi pela religião professada em Constantinopla: o cristianismo sob a forma bizantina. Eles disseram ao soberano, após terem visto uma celebração litúrgica na Santa Sophia: *Nós não sabíamos se estávamos no céu ou na terra, pois não há sobre a terra nada com tal majestade e beleza, e nem saberíamos como descrevê-la: só sabemos que ali Deus está presente entre os homens...* (EVDOKIMOV, 1972, p. 17).

Essa tradição indica a natureza das missões bizantinas: o cristianismo não era só

transmitido por preocupações de “evangelização” no sentido contemporâneo do termo, mas também por razões políticas e estéticas. A influência política de Bizâncio, aliada ao caráter místico e cativante de seus cultos: eis a causa humana da expansão missionária desta época. O verdadeiro milagre será o enraizamento durável, na alma eslava, do Evangelho.

## 6 | O ÍCONE DA TRINDADE DE ANDREI RUBLEV

O ícone da Trindade tem origem na vida do Patriarca Abraão, o pai das três religiões monoteístas. “Iahweh lhe apareceu no Carvalho de Mambré, quando ele estava sentado na entrada da tenda, no maior calor do dia. Tendo levantado seus olhos, Abraão viu três homens em pé perto dele, logo que os viu, correu da entrada da tenda ao seu encontro e se prostrou por terra. E disse: “Meu senhor, eu te peço, se encontrei graça a teus olhos, não passes junto ao teu servo sem te deteres. Traga-se um pouco de água e vos lavareis os pés, e vos estendereis sob a árvore. Trarei um pedaço de pão, e vos reconfortareis o coração antes de irdes mais longe [...]” Gn, 18, 1-15.

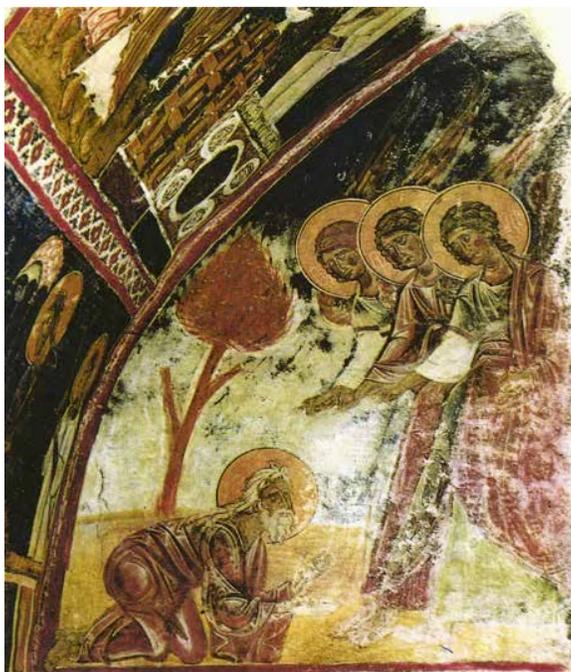


Figura 2 Afresco. Abraão se inclina diante dos três anjos. Refeitório do monastério São João, o Teólogo. Ano estimado, 1200.

Essa cena ficou conhecida como *A Hospitalidade de Abraão*, interpretada por muitos Padres da Igreja<sup>6</sup> e percebida no mundo bizantino-eslavo como símbolo da Santíssima

<sup>6</sup> Há textos dessa interpretação trinitária de Gregório de Nyssa, século IV; Cirilo de Alexandria, século V; Procópio de Gaza, século VI e dos Pais latinos Ambrósio de Milão e Agostinho.

Trindade, figurava por volta do ano 230 na sinagoga Doura-Europos e no século IV em um mosaico da Igreja Santa Maria Maior em Roma. Se os ícones russos o denominam sob a inscrição de Santíssima Trindade, os ícones gregos preferem a inscrição *A Hospitalidade de Abraão* — a filoxenia, amor ao estrangeiro em oposição a xenofobia, temor ao estrangeiro — onde Sara e Abraão também são retratados como lembrança poderosa da aparição trinitária sob a forma de anjos (Quenot, 2004 p.90).

No entanto, foi no século XV que o monge-iconógrafo russo Andrei Rublev realizou a “obra-prima da pintura russa assim como universal” segundo Paul Florensky (1992, p. 42).

Há poucos documentos bibliográficos sobre Andrei Rublev. Ele nasceu por volta de 1360. Seu ícone mais célebre foi pintado aproximadamente em 1415 para a Igreja da Santíssima Trindade do monastério que foi fundado por São Sergio Radonej em Zagorsk, hoje, Possad. Esse ícone representa a visita que três homens fizeram a Abraão sob o carvalho de Mambré.

Para entender a origem do ícone da Trindade de Andrei Rublev é preciso falar antes de Sergio Radonej (1314-1392). Recolheu-se desde jovem em uma grande floresta no centro da Rússia, onde foi rodeado por muitos seguidores e discípulos. Lá construiu uma pobre capela em madeira a qual dedicou à Santíssima Trindade. Pobre e afável, viveu na contemplação do Mistério trinitário, multidões vinham pedir-lhe socorro e ele se tornou o santo nacional da Rússia. Paul Evdokimov o descreve assim:

São Sergio de Radonej não nos deixou nenhum tratado teológico, mas sua vida foi consagrada à Santíssima Trindade. Objeto de sua contemplação incessante, esse mistério divino transbordou nele e o transformou em uma paz encarnada a qual ele irradiava visivelmente para todos. Ele dedicou sua igreja à Trindade e se esforçou para reproduzir uma unidade à sua imagem, em seu ambiente e até na vida política do seu tempo. Pode-se dizer que ele reuniu toda a Rússia de sua época em volta de sua igreja, em Nome de Deus, para que os homens pela contemplação da Santíssima Trindade vencessem o ódio dilacerante do mundo. Na memória do povo russo ele permanece como o protetor celeste, o consolador e a expressão mesma do mistério trinitário, de sua Luz e de sua Unidade (EVDOKMOV, 1972, p. 206).

É preciso notar igualmente o clima de violência no qual a Rússia vivia na época de São Sergio: uma devastação pelas incursões dos tártaros. Formava-se a Rússia Moscovita e corresponde ao momento de uma das maiores catástrofes culturais anterior a queda de Bizâncio, pois São Sergio morreu cerca de 60 anos antes da queda definitiva de Constantinopla.

São Sergio Radonej é um dos santos russos mais populares. O monastério da Santíssima Trindade que ele fundou, hoje a Laura da Trindade de São Sergio, é o centro espiritual mais importante da Rússia<sup>7</sup>. A influência desse santo começou durante a sua vida e não cessou jamais; ela se manifesta antes de tudo na vida interior do país, na vida

<sup>7</sup> Atualmente a Laura é a sede da Academia da Igreja Ortodoxa Russa. A partir do século XIV, a Laura converteu-se em centro de irradiação monástica e espiritual. No espaço de 150 anos, as fundações de São Sergio somavam 180 novos mosteiros. Entre seus monges, uma centena deles foi canonizada.

espiritual, no monaquismo. Uma multidão de discípulos seguiu a via traçada por São Sergio e, a maior parte dos mosteiros que surgiram após ele, aconteceu por sua influência direta ou indireta. Foi ele o mestre que ensinou aos monges russos levar uma vida eremita, ensinou agricultores a melhor forma de plantar, contribuiu nas reconciliações entre eles até o ponto de podermos dizer que uniu toda a Rússia do século XIV ao redor da Igreja dedicada à Trindade, ou seja, ao redor de Deus. Grande parte dos santos dos séculos XIV e XV, intercessores da Rússia em uma época difícil, foram ou seus discípulos ou homens que tiveram alguma relação com ele. É significativo que o mosteiro que se desenvolveu em torno de São Sergio tenha sido dedicado pelo santo à Santíssima Trindade.

O mosteiro de São Sergio, centro da santidade russa nesse período de seu desenvolvimento, foi também o centro da arte iconográfica. Foi lá, sem dúvida, que Andrei Rublev aprendeu essa arte e pintou o célebre ícone da Trindade (OUSHPENSKY e LOSSKY, 2003, p.117).

Devoto fervoroso da Santíssima Trindade, São Sergio consagrou a Ela um templo que considerou um apelo à unificação da Rússia em nome de uma realidade superior. Ele construiu esse templo “a fim de que sua contemplação permanente triunfasse sobre o terror suscitado pela odiosa divisão do mundo” escreveu um hagiógrafo de São Sergio (FLORENSKY, 1992, p. 40-41).

A Trindade é vivificante, ela é princípio, origem e fonte enquanto consubstancial e indivisível, pois o amor é vida e princípio da vida, enquanto as discórdias e a divisão vêm acompanhadas de ruína e morte. A divisão mortal se opõe à vivificante unidade que realiza incansavelmente o feito heroico do amor e da compreensão. No desenho criador de seu fundador, o templo da Trindade — essa descoberta genial — é um protótipo da congregação da Rússia e de sua união no espírito do amor fraterno.

Esse templo foi destinado a se tornar o centro da unificação cultural da Rússia, centro onde os diversos aspectos da vida russa encontram seu ponto de apoio e sua máxima justificação.

A hospitalidade era o maior bem que São Sergio recomendou, seu lema era: caridade, fraternidade e unidade, que o czar Alexis Mikhailovich fez passar por lei; aos peregrinos eram dispensados todos os presentes, do pão até a cura do corpo e da alma, sem esquecer das crianças: o santo, ele mesmo fabricava brinquedos para eles. E tudo isso deveria constituir as condições favoráveis da ‘visão’ do santuário da Santíssima Trindade e da contemplação do arquétipo da unidade divina. Desde então os templos da Trindade estão ligados ao nome de São Sergio, e não é sem razão que contêm habitualmente um altar dedicado ao santo (FLORENSKY, 1992, p. 41).

Se o santuário foi consagrado à Santíssima Trindade, ele deveria possuir um ícone que exprimisse sua essência espiritual e que fosse uma concretização pictorial de seu nome.<sup>8</sup> Ao mesmo tempo, é difícil supor que o discípulo de um discípulo do santo, seu neto

<sup>8</sup> O nome interpretado em função da essência espiritual do objeto nomeado é um dos resultados mais marcantes da

espiritual por assim dizer, e seu quase contemporâneo, que já trabalhava e o conhecia pessoalmente, tenha podido substituir a composição do ícone da Trindade usado naquele templo de São Sergio e ter estabelecido ele mesmo por uma nova composição de sua própria lavra. Nas miniaturas da Vida da Epifania, o ícone da Trindade não figurava na cela de São Sergio. Ele só vai aparecer por volta da metade de sua vida. É essa uma demonstração de que a aparição do ícone ocorreu no curso da vida do santo (FLORENSKY, 1992, p. 42).

O ícone da Trindade, desconhecido até então no mundo, apareceu pela primeira vez na Rússia em Moscou e lá também desde o princípio encarna (personifica) a contemplação espiritual de São Sergio. Ao se afirmar “desconhecido no mundo” é preciso compreender a novidade da igreja da Trindade: de uma parte, o sentido espiritual enquanto conteúdo simbólico, e de outra, os materiais elaborados pela história para servir à realização desse símbolo. Pela fama do ícone da Trindade de Rublev e para falar desses materiais deveremos considerá-lo um elo na corrente do desenvolvimento das artes plásticas em geral e da composição dos *Três Anjos Visitantes*, em particular.

A história dessa composição é longa, já em 314, segundo Julius Africanus, próximo ao carvalho de Mambré existia um quadro representando a aparição dos Três Visitantes a Abraão. Nos séculos V e VI havia semelhantes representações nas paredes das igrejas Santa Maria Maior e Santo Vidal de Ravena. A partir daí esse tema iconográfico foi encontrado outras vezes, mas convém penetrar na significação espiritual dessas representações antes de estabelecer uma ligação com a Trindade de Rublev (FLORENSKY, 1992, p.41)

A composição dos três anjos em companhia de Abraão, e mais tarde sem ele, não representa nada além de um episódio da vida do patriarca, mesmo que se admita que haja alusão à Santíssima Trindade.

O tema dos três anjos à mesa existia há muito tempo e era reconhecido canonicamente. Nesse sentido, Andrei Rublev não concebeu nada de novo e seu ícone da Trindade, valorizado externamente, é mais um na longa série de precedentes. O que nos emudece, confunde e quase nos consome na obra de Rublev não tem a ver com o tema, com as figuras, com a taça sobre a mesa ou com as asas, mas com a abertura súbita do que oculta no mundo *nouménal*. O que importa do ponto de vista estético não são os meios usados pelo pintor para atingir esse desvelamento do *nouménal*, nem de saber se outros que o sucederam usaram os mesmos processos, mas sim o fato de que ele nos tenha transmitido a revelação que lhe foi feita. Nas circunstâncias da época, entre discórdias, dissensões intestinas, a barbárie generalizada e as incursões tártaras, nessa profunda inquietude que havia fragmentado a Rússia, foi oferecido aos olhares espirituais a visão de uma paz inabalável, indestrutível e infinita, a “paz do Alto” do mundo superior. Essa

---

teologia do Padre Paul Florensky; na sua concepção o nome não é somente um símbolo da essência espiritual do objeto nomeado, mas portador da energia dessa essência espiritual, ele exerce uma ação espiritual real sobre aqueles que entram em contato com esse nome, com isso se estabelece uma conexão, em particular a influência portadora da graça do ícone, caso o nome indicado se realize em cores, nesse caso, no ícone da Santíssima Trindade.

paz jorra como as águas de um rio na alma de quem contempla a Trindade de Rublev, o azul<sup>9</sup> celeste inigualável, mais celeste que esse azul do céu da terra, um azul efetivamente supra celeste, essa graça inexprimível de mútuas inclinações, essa calma celeste do silêncio, essa infinita submissão de um ao outro — eis o que constitui a originalidade dessa Trindade. A cultura humana representada pelo edifício, o mundo vivo pela árvore e a terra pela rocha, tudo isso se torna mínimo e desprezível diante de uma inesgotável e infinita comunhão de amor. Andrei Rublev se alimentou daquilo que lhe foi dado. Por isso, não é Andrei Rublev, neto espiritual de São Sergio, mas o pai fundador da Rússia, ele mesmo, São Sergio de Radonej, que deve ser venerado como o verdadeiro criador dessa obra-prima da pintura russa e universal. Pintando o ícone da Trindade, Andrei Rublev não foi um criador independente, mas somente o realizador genial de um desenho original e de uma composição de base que são devidas a São Sergio (FLORENSKY, 1992, p. 41-41).

Após dezessete anos da morte de São Sergio, seu discípulo Nicone encarregou Andrei Rublev de pintar o ícone da Santíssima Trindade em lembrança de São Sergio, assim como a iconostase da abadia da Santíssima Trindade por Andrei e seu fiel companheiro, Daniil Tcherny (1360-1428). Em dias santos, embora Andrei e Daniil não trabalhassem, “*eles se sentavam diante dos veneráveis ícones e os olhavam sem distração... eles elevavam constantemente seus espíritos e seus pensamentos na luz imaterial e divina...*”. Foi essa luz que Andrei Rublev soube transmitir no seu ícone que se tornou célebre. Ele recriou o próprio ritmo da vida trinitária, sua diversidade única e o movimento de amor que identifica as Pessoas sem as confundir. Parece que Rublev respira o ar da eternidade, que ele viu nos “espaços do coração” divino e se eleva assim em admirável canto poético do Amor.

## 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Andrei Tarkovski<sup>10</sup>, o monge Rublev contemplava o mundo com os olhos ingênuos de um menino, pregava que não se devia resistir ao mal, que se devia amar o próximo. Ainda que tenha sido testemunha das mais brutais barbáries deste mundo, que tenha sentido as mais amargas desilusões, esse monge iconógrafo conseguiu reencontrar o único valor da vida do homem: a bondade e esse amor humilde que tudo perdoa. (TARKOVISKI, 2012, p.233)

Essa é toda a mensagem de São Sergio; em cor e luz, é sua prece viva que aparece diante de nós. Ela remonta à prece sacerdotal do Cristo (Jo 17,21) que faz invisivelmente aplinar os Três Anjos do ícone: “a fim de que todos sejam um... a fim que o amor com o qual tu me tenhas amado esteja neles, e que eu seja eu mesmo neles...” (EVDOKIMOV, 1972, p. 207).

9 O autor em nota de rodapé faz distinção entre o *bleu*, azul terrestre, cor da humanidade e o *azur*, o azul supra celeste (FLORENSKY, 1992, p. 42).

10 Andrei Tarkovski (1932-1986), cineasta russo, ganhou proeminência com o primeiro longa-metragem *A infância de Ivan*, premiado com Leão de Ouro do Festival de Veneza em 1962. Fez sete filmes, de 1962 a 1986, aclamados pela crítica, como *Andrei Rublev*, *Solaris*, *O Espelho* e *O Sacrifício*.

Tarkovski diz profeticamente sobre o filme *Andrei Rublev*:

“[...] assim aconteceu a magnificência do ícone trinitário, na sua pureza, entronizando nele a felicidade revigorante que faz fluir a irmandade entre o ser humano, a divisão sensível de um em três e a união dos três em um, nos revelando um horizonte maravilhoso sobre o futuro que se dispersa no decorrer dos séculos” (BREIDI, 2015, p. 60).

## REFERÊNCIAS

BREIDI, Michel Fares. *Uma interpretação iconográfica do Dogma Trinitário: a ceia de Abraão*. Campinas : ed. Theotokos, 2015.

BOULGAKOFF, Serge. *L'Orthodoxie*. Reimpression autorisée de 1<sup>e</sup> édition de 1922. Paris: Balzon, D'Allonnes & Cie, 1958.

DUPERRAY, Eve (Coord.) *Marie Madeleine dans la mystique, les arts et les letters*. Paris: Beauchesne, 1989. (Actes du Colloque International, Avignon 20-21-22 juillet 1988)

EVDOKIMOV, Paul. *L'art de l'icône: théologie de la beauté*. Paris: Desclée de Brouwer, 1972.

FLORENSKY, Paul. *La perspective inversée suivi de L'iconostase*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1992.

GOMBRICH, Ernst H. *A história da arte*. 16.ed. São Paulo: LTC, 1999.

LÉAUSTIC, René. *Écrire une icône: initiation aux techniques*. Paris: Médiaspaul, 2005.

JANSON, H.W.; JANSON, Anthony. E. *Iniciação à história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OUSPENSKY, Léonid. *Essai sur la Théologie de l'icône dans l'Eglise orthodoxe*. Éditions de l'Exarchat patriarcal russe en Europe occidentale. Paris : 1960.

OUSPENSKY, Léonid; LOSSKY, Vladimir. *Le sens des icônes*. Paris: Éditions Du Cerf, 2003.

PASTRO, Cláudio. *Arte Sacra: o espaço sagrado hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

QUENOT, Michel. *Du Dieu-homme à l'homme-dieu: l'image de la sainteté et la sainteté des images*. Paris: Éditions Du Cerf, 2004.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir en el tempo: reflexiones sobre el arte, la estética y la poética del cine*. Madrid: Ediciones Rialp, S.A. 10<sup>a</sup> ed., 2012.

### Crédito das imagens

Figura 1: Andrei Rublev. *Ícone da Trindade* (1415?) do monastério da Trindade São Sergio, Serguev-Possad. Galeria Tretiakov, Moscou. Século XV.

Figura 2: Abraão se inclina diante dos três anjos. Afresco. Refeitório do monastério São João, o Teólogo. Patmos, Grécia. Ano estimado, 1200.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte sacra 70, 72, 73, 82

Autoridade 4, 8, 47, 48, 50, 52, 54, 55, 57, 84, 101, 104

### B

Bíblia 2, 3, 14, 16, 18, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 57, 60, 62, 63, 64, 69, 88, 89, 94, 96, 104

BNCC 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39

### C

Consciência 10, 16, 17, 20, 24, 26, 27, 28, 51, 75, 91

Corinto 47, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57, 58, 87, 96

Cristianismos primitivos 1

Cultura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 23, 36, 39, 42, 48, 52, 53, 54, 56, 58, 67, 72, 81, 84, 103, 106

### D

Deus 2, 5, 11, 13, 17, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 89, 94, 95, 103, 104, 105

Diversidade 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 48, 81, 96, 106

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 34, 35, 36, 37, 39, 49, 59, 61, 69, 87, 93, 106, 107

Ensino religioso 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39

Espírito 5, 8, 16, 17, 18, 25, 26, 30, 39, 55, 56, 62, 68, 74, 79, 99

### F

Fidelidade 40, 41, 43, 44, 45

### H

Hermenêutica bíblica 40, 41, 42, 44, 45

Hibridismo 98, 101, 104

### I

Imagem 8, 50, 52, 56, 71, 72, 73, 75, 76, 78

Influência grega 1, 2, 3, 9, 12, 13, 14

Injustiça 64

Interpretação 6, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 51, 52, 55, 62, 69, 71, 77, 82, 90, 102, 104

## **J**

Jó 59, 60, 61, 62, 63, 66, 68

## **M**

Mal 18, 24, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 81, 94

Mulher 23, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 67, 89, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

## **O**

Ortodoxia 70, 73, 76

## **P**

Palavra 9, 10, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 50, 54, 55, 57, 60, 65, 72, 74

Palavra encarnada 40, 41, 44

Pedagogia de projetos 33, 36, 37, 39

Pluralidade 1, 41, 43, 44

## **S**

Sufrimento 27, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 94

## **T**

Trindade 70, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 92, 97

TEOLOGIA,

POLÍTICA  
&

RELIGIÃO



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



@atenaeditora



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Matthew is called.

St. MATTHEW, 9.

Jairus' daughter raised.

1 said within themselves, This man blasphemeth.

2 And Jesus knowing their thoughts said, Wherefore think ye evil in your hearts?

3 For whether is easier, to say, Thy sins be forgiven thee; or to say, Arise, and walk?

4 But that ye may know that the Son of man hath power on earth to forgive sins, (then saith he to the sick of the palsy,) Arise, take up thy bed, and go unto thine house.

5 And he arose, and departed to his house.

6 But when the multitudes saw it, they marvelled, and glorified God, which had given such power unto men.

7 And as Jesus passed forth from thence, he saw a man, named Matthew, sitting at the receipt of customs: and he saith unto him, Follow me. And he arose, and followed him.

8 ¶ And it came to pass, as he went, he saw a certain man, named

9 And, behold, a woman, which was diseased with an issue of blood twelve years, came behind him, and touched the hem of his garment:

10 For she said within herself, If I may but touch his garment, I shall be whole.

11 But Jesus turned him about, and when he saw her, he said, Daughter, be of good comfort; thy faith hath made thee whole. And the woman was made whole from that hour.

12 And when Jesus came into the ruler's house, and saw the minstrels and the people making a noise,

13 He said unto them, Give place: for the maid is not dead, but sleepeth. And they laughed him to scorn.

14 But when the people were put forth, he went in, and took her by the hand, and the maid arose.

15 And the fame hereof went abroad.

Anno DOMINI 31.

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

Christ smeth out

St. MATTHEW, 10.

his twelve apostles.

Anno DOMINI 31.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

CHAPTER 10.

1 Christ smeth out his twelve apostles, calling them with power to do miracles, to preach their charge, teacheth them, how to fetch them against persecutions; and promitteth a blessing to those that receive them.

2 And when he had called unto him his twelve disciples, he gave them power against unclean spirits, to cast them out, and to heal all manner of sickness, and all manner of disease.

3 Now the names of the twelve apostles are these: The first, Simon, who is called Peter, and Andrew his brother; James the son of Zebedee, and John his brother;

4 Philip, and Bartholomew; Thomas, and Matthew the publican; James the son of Alphaeus, and Lebbaeus, whose surname was Judas;

5 Simon the Canaanite, and Jaddaeus, who also betrayed him;

6 These twelve Jesus sent forth, and commanded them, saying, Go ye into all the world, and preach the

7 speak: for it shall be given you in that same hour what ye shall need.

8 For it is not ye that speak, but the Spirit of your Father which speaketh in you.

9 And the brother shall deliver up the brother to death, and the father the child; and the children shall rise up against their parents, and cause them to be put to death.

10 And he shall be hated of all men for my name's sake: but he that endureth to the end shall be saved.

11 But when they persecute you in this city, flee ye into another: for I will not build my church, and the gates of hell shall not prevail against it.

12 The disciple is not above his master, nor the servant above his lord: as it is enough for the disciple that he be as his master, and the servant as his lord. If they have called the master of the house Beelzebub, how much more shall they call them

Anno DOMINI 31.

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

**TEOLOGIA,**

**POLÍTICA**

**&**

**RELIGIÃO**



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



@atenaeditora



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

*Matthew is called.*

St. MATTHEW, 9.

*Jairus' daughter raised.*

Anno DOMINI 31.  
1 And Jesus, knowing their thoughts said, Wherefore think ye evil in your hearts?  
2 For whether is easier, to say, Thy sins be forgiven thee; or to say, Thy faith hath made thee whole.  
3 But that ye may know that the Son of man hath power on earth to forgive sins, (then saith he to the sick of the palsy,) Arise, take up thy bed, and go unto thine house.  
4 And he arose, and departed to his house.  
5 But when the multitudes saw it, they marvelled, and glorified God, which had given such power unto men.  
6 ¶ And as Jesus passed forth from thence, he saw a man, named Matthew, sitting at the receipt of customs; and he saith unto him, Follow me. And he arose, and followed him.  
7 ¶ And it came to pass, as he went forth, two of them sat at a table; and the name of the one was Levi, and the name of the other was Alphaeus.  
8 ¶ And he called them, saying, Follow me, and I will make you of this generation. And they left their father, and their brethren, and their house, and followed him.  
9 ¶ And he went forth, and saw another man, named Matthew, sitting at the receipt of customs; and he saith unto him, Follow me. And he arose, and followed him.  
10 ¶ And it came to pass, as he went forth, two of them sat at a table; and the name of the one was Levi, and the name of the other was Alphaeus.  
11 ¶ And he called them, saying, Follow me, and I will make you of this generation. And they left their father, and their brethren, and their house, and followed him.

¶ And he beheld, a woman, which was diseased with an issue of blood twelve years, came behind him, and touched the hem of his garment:  
21 For she said within herself, If I may but touch his garment, I shall be whole.  
22 But Jesus turned him about, and when he saw her, he said, Daughter, be of good comfort; thy faith hath made thee whole. And the woman was made whole from that hour.  
23 ¶ And when Jesus came into the ruler's house, and saw the minstrels and the people making a noise,  
24 He said unto them, Give place: for the maid is not dead, but sleepeth. And they laughed him to scorn.  
25 But when the people were put forth, he went in, and took her by the hand, and the maid arose.  
26 ¶ And the fame hereof went abroad.

Anno DOMINI 31.  
1 ¶ And he beheld, a woman, which was diseased with an issue of blood twelve years, came behind him, and touched the hem of his garment:  
21 For she said within herself, If I may but touch his garment, I shall be whole.  
22 But Jesus turned him about, and when he saw her, he said, Daughter, be of good comfort; thy faith hath made thee whole. And the woman was made whole from that hour.  
23 ¶ And when Jesus came into the ruler's house, and saw the minstrels and the people making a noise,  
24 He said unto them, Give place: for the maid is not dead, but sleepeth. And they laughed him to scorn.  
25 But when the people were put forth, he went in, and took her by the hand, and the maid arose.  
26 ¶ And the fame hereof went abroad.

*Christ smeth out*

St. MATTHEW, 10.

*his twelve apostles.*

CHAPTER 10.  
1 Christ smeth out his twelve apostles, enabling them with power to do miracles, to cast devils, to preach the Gospel, and to suffer persecutions.  
2 ¶ And he called unto him his twelve disciples, and said unto them, I have chosen you, and have appointed you twelve, that ye should go forth, and be sent forth into every city and region, and ye shall preach the Gospel, and ye shall have power to cast devils, and to cure every sickness.  
3 ¶ And he gave unto them power, that they should tread upon serpents, and scorpions, and should be able to resist the power of death: but they shall not be killed by them.  
4 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive you, shall receive me, and him that sent me.  
5 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, shall receive me.  
6 ¶ And he said unto them, Whosoever shall give to drink of this cup of water to one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
7 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
8 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
9 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
10 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
11 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
12 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
13 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
14 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
15 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
16 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
17 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
18 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
19 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.  
20 ¶ And he said unto them, Whosoever shall receive one of these my brethren that are here, because he is a stranger, he shall not lose his reward.